

## **Adolescência e juventude: construções e multiplicidades**

**José Henrique Monteiro da Fonseca**  
Universidade Federal de Mato Grosso  
jhmonteirodafonseca@gmail.com | [LATTES](#)

**José Serafim Bertoloto**  
Universidade de Cuiabá  
serafim.bertoloto@gmail.com | [LATTES](#)

**Degmar Francisca dos Anjos**  
Instituto Federal da Paraíba  
degmaranjos@gmail.com | [LATTES](#)

**Recebido em: 10/01/2021**  
**Aprovado em: 20/12/2023**



DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317818202327>



Esta revista está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*

## **Adolescência e juventude: construções e multiplicidades**

O presente artigo pretende uma reflexão frente ao tema Adolescência e Juventude. Intenta-se aqui, ante aos conceitos em observação, apresentar esse período, pela ótica de algumas obras do artista plástico norueguês Edward Munch, cujas expressões retratam também a juventude de seus dias, seus dramas, suas relações, sofrimentos e paixões. Assim, utilizam-se bibliografias que transitam em torno dos conceitos de juventude, bem como o uso iconográfico para reflexões artístico-histórico visando uma aproximação da captura imagética feita por Munch da juventude de seu tempo. Os resultados surgem da leitura de que a juventude constitui-se em multiplicidade de modos e corpos, vivenciando seus impasses em meio ao seu mundo e contexto; desse modo, somos corresponsáveis enquanto sociedade e escola perante essa juventude, seu desenvolvimento, sexualidades e vulnerabilidades no ambiente de ensino. Nas conclusões, a escola é apontada enquanto instrumento de cidadania, em que se colocando participe e cooperativa frente aos níveis de vulnerabilidades de seus jovens, criará possibilidade de comunicação, diálogos e reflexão que transpasse os intersaberes em seu cotidiano, bem como, o enfrentamento do preconceito.

**Palavras-chave:** Arte; Conceitos; Ensino; Juventude; Multiplicidades

## **Adolescencia y juventud: construcciones y multiplicidades**

Este artículo pretende reflexionar sobre el tema de la adolescencia y la juventud. Se pretende aquí, a la luz de los conceptos en observación, presentar este período desde la perspectiva de algunas obras del artista noruego Edward Munch, cuyas expresiones también retratan la juventud de su época, sus dramas, sus relaciones, sufrimientos y pasiones. Así, se utilizan bibliografías que se mueven en torno a los conceptos de juventud, así como el uso iconográfico para reflexiones histórico-artísticas que apuntan a una aproximación a la captación imaginaria que Munch hace de la juventud de su tiempo. Los resultados surgen de la lectura de que la juventud constituye una multiplicidad de caminos y cuerpos, experimentando sus impasses en medio de su mundo y contexto; de esta forma, somos corresponsables como sociedad y escuela hacia este joven, su desarrollo, sexualidades y vulnerabilidades en el ámbito docente. En las conclusiones, se apunta a la escuela como un instrumento de ciudadanía, en la que posicionarse como participante y cooperativa ante los niveles de vulnerabilidad de sus jóvenes, generará la posibilidad de comunicación, diálogo y reflexión que permee la interconocimientos en su vida diaria, así como el enfrentamiento al prejuicio.

**Palabras clave:** Arte; Conceptos; Enseñando; Juventud; Multiplicidades

## INTRODUÇÃO

### EDVARD MUNCH

Edvard Munch (1863–1944), pintor norueguês criador da famosa obra O Grito (1893), tão conhecida e massificada como símbolo do desespero humano e seus sofrimentos. Munch nasceu em uma família de classe média, sua vida foi rodeada de tragédias; na infância perdeu a irmã e a mãe pela tuberculose. Mais tarde perdera seu pai, e viu sua irmã mais nova internada por problemas psiquiátricos. Apesar de crescer em família luterana, sua juventude foi influenciada pela boemia e pelas leituras de Nietzsche e Zola, ambiente no qual dialogavam sobre o anarquismo, a liberdade das mulheres, e a liberdade sexual. Aos 30 anos começa a se destacar em meio às artes e diante de outros pintores. Nunca se deu ao matrimônio, porém cultivou relações turbulentas, em uma das quais sofreu um disparo de arma de fogo em sua mão. Pode-se considerar que a vida e obra de Munch flertam de algum modo com o período Romântico do século XIX, envoltas pelo sofrimento humano, peste, paixões e vida desregrada (MUNCH, 1984). Suas obras retratam também a juventude daqueles dias, bem como, sua sexualidade, trabalho, relações e vulnerabilidades. É nessa linha de observação e contemplação que se pretende apresentar e convergir os trabalhos de Edvard Munch com o texto que discorre sobre a juventude e seus conceitos.

### JUVENTUDE, ADOLESCÊNCIA E PUBERDADE

Atualmente existem várias definições de juventude e a essas um tanto entrelaçadas e não linear, às definições de adolescência. Antes de se explanar algumas definições disponibilizadas para a juventude e adolescência, de forma mais didática, pretende-se fazer algumas reflexões sobre adolescência e juventude por onde ambas parecem ser de algum modo, estabelecidas enquanto construções, sociais e históricas. De fato tais construções estão atreladas a um processo sócio-histórico nas sociedades. Quando se pensa em adolescência, quase que automaticamente tem-se a tendência de pensar em puberdade, e/ou misturar os sentidos das duas palavras. Diante de algumas leituras a serem citadas no presente texto, a adolescência e a puberdade são eventos que ocorrem praticamente em períodos concomitantes, possuem certa ligação, a ponto de se correr o risco de reduzir ambos os fenômenos em um só. Cita-se abaixo algumas definições da palavra adolescência, carac-

terizando bem esta fase da vida. De acordo com o Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (Ferreira, 2004) a palavra adolescência origina-se do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), apontando o indivíduo que atravessa um processo de crescimento, ou seja, em aptidão para crescer não apenas no sentido físico, mas, também psíquico e psicossocial. Para Outeiral (2003) a palavra adolescência está no sentido de adoecer (*adolescere*), a dor de crescer, referindo-se ao sofrimento emocional, as transformações mentais e biológicas que ocorrem nesse período.

Essa dupla origem indica inclinação para crescer, no âmbito para o sofrimento emocional decorrente das transformações biológicas, psíquicas e emocionais que marcam essa etapa da vida, angustiando o adolescente diante do desconhecido (OUTEIRAL, 2003, p. 4).

Osório (1989) faz referência a uma terceira origem do termo “dolo”, no sentido de que nessa fase há causalidade de certo “dano”. Partindo de uma ideia de que a adolescência é uma fase em que se sofre subjetivamente pelo “fim da infância” e início da adultez, parece coerente acrescentar mais essa origem. Porém, não pretende por hora se movimentar em meio aos termos que evocam questões subjetivas da adolescência e juventude, mas apenas apontá-los aqui e, seguir por um olhar mais sócio-histórico, subentendendo as construções sociais em torno da adolescência e juventude e, ainda pontuar as diferenças entre adolescência e puberdade. Segundo Grossman (2010) a adolescência foi um termo definido por Stanley Hall em 1904, intitulada *Adolescência*.

[...] sua psicologia e relação com fisiologia, antropologia, sociologia, sexo, crime, religião e educação. O autor propunha que o ser humano em desenvolvimento passaria por estágios correspondentes aos que ocorreram na evolução da espécie humana, desde o primitivismo animal até a vida civilizada, que caracterizaria a maturidade. (GROSSMAN, 2010, p. 48)

Entre tantas elucidações sobre o tema adolescência nas mais variadas áreas do conhecimento, pode-se pensar sobre a tentativa de naturalização desse fenômeno desde sua definição por Stanley Hall, o qual como Darwinista aponta a adolescência como algo natural, universal e comum a todas as culturas; delimitação essa, um tanto convergente com o que a

medicina chama de puberdade, ou seja, o fenômeno biológico que ocorre no corpo. Parece que desde a definição do termo adolescência, essa foi equivocadamente condensada com o fenômeno puberdade entrando em um processo ideológico de naturalização. E:

[...] até então, concebiam a adolescência como uma etapa natural do desenvolvimento, tendo um caráter universal e abstrato. Inerente ao desenvolvimento humano, a adolescência não só foi naturalizada, mas também percebida como uma fase difícil, uma fase do desenvolvimento, semi-patológica, que se apresenta carregada de conflitos “naturais”. (BOCK, 2007, p. 64)

A puberdade está mais próxima das mudanças e maturação do corpo da criança que se tornará adulto. Mudanças essas, que não se desassocia das experiências e conflitos emocionais pois, nesse período há mudanças hormonais e físicas que abrangem também um universo de sentidos subjetivos.

[...] cientistas do desenvolvimento encontraram uma tendência secular – tendência que abrange várias gerações – no que diz respeito ao início da puberdade: a diminuição na idade em que começa a puberdade e quando o jovem ou a jovem alcança estatura adulta e a maturidade sexual. A tendência começou a cerca de cem anos e continua ocorrendo nos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão e em vários países (Anderson, Dallal & Must, 2003). Uma possível explicação é o padrão de vida [...] aumento do excesso de peso [...] relacionamento familiar [...] (PAPALIA, et al, 2010, p. 397)

Mas se é possível fazer uma distinção didática entre puberdade e adolescência, a primeira parece estar mais associada a um acontecimento que ocorre com as crianças quando entram em um processo que resulta na maturidade sexual e reprodutiva, ou seja, uma grande produção de hormônios relacionados ao sexo, independente da cultura. Para Papalia et al. (2010) nos últimos cem anos existe uma forte tendência de puberdade precoce entre as crianças de sociedades mais industrializadas, ligada a hábitos culturais, o que indica o quanto as vivências históricas e culturais atravessam de algum modo os fenômenos biológicos e hormonais.

Figura 1 – E. Munch, Puberdade, 1894-1895 Oil on canvas (151.5 × 110 cm)



Fonte: Munch-museet

A figura 1 nos mostra a obra de Munch, nomeada “Puberdade”; parece aceitável o fato de que o artista e seu contexto de fim de século XIX compreendiam a puberdade enquanto um fenômeno atrelado as mudanças do corpo, propositalmente nomeia a obra na qual uma garota nua sentada em uma cama, cobre com as mãos sua região pélvica, talvez simbolizando certa barreira sexual para um corpo que ainda está sendo constituído, amadurecendo-se hormonalmente e subjetivamente para se tornar mulher. No entanto, ao mesmo tempo os seios ficam à mostra e denota a menina transmudando-se em moça-mulher; assim, a sensualidade é sutil e inocente, pois ainda é vir-a-ser mulher para aqueles dias. Pode-se pensar também, a partir

da sombra da garota – a qual aparenta simbolizar aspectos emocionais, uma vez que possui semblante de “grito” – as possibilidades das angústias e conflitos subjetivos, psíquicos e ideológicos perante o corpo desejante, bem como a vergonha da própria nudez inserida na cultura.

## **ADOLESCÊNCIA: UM FENÔMENO SOCIAL**

Já a adolescência, apesar das muitas abordagens teóricas e conceitos que amparam tal tema e experiências, pretende-se olhá-la enquanto um fenômeno social construído e institucionalizado como natural nas sociedades industrializadas.

A adolescência é uma construção social. Antes do século XX, não existia esse conceito; nas culturas ocidentais, as crianças entravam para o mundo adulto quando amadureciam fisicamente ou quando começavam um aprendizado profissional. Hoje a entrada na vida adulta leva mais tempo e é menos definida. A puberdade começa mais cedo do que anteriormente; e o início da vida profissional tende a ocorrer mais tarde em sociedades complexas, que requerem períodos mais longos de educação ou treinamento profissional para que o indivíduo possa assumir as responsabilidades da vida adulta. (PAPALIA, et al, 2010, p. 397)

Sob uma ótica sócio-histórica, o humano é um ser social e histórico, e não se pode conhecê-lo a não ser por sua vida concreta e suas relações. Segundo Bock (2007), o próprio fenômeno psicológico é histórico, social, e mutável, onde só há subjetividade por existir a objetividade e as relações sociais. Com a obra 2 “Meninas na ponte”, a iconografia mostra jovens, as quais pela vestimenta e cor dos cabelos, provavelmente europeias, do início do século XX se encontrando, o que exemplifica a interação social. Tal agrupamento, ao que parece, ocorre em um suposto horário e local marcados, a ponte, em fim de tarde ou talvez pela manhã, uma vez que o reflexo da árvore projetada na água dá-nos uma pista, do alongamento e da perspectiva solar. Ousa-se pensar na possibilidade de que tal passeio retratado por Munch aparenta ser rotineiro, o que supostamente sugere a amizade, as conversas, confidências e cumplicidades entre as donzelas.

Figura 2 – E. Munch, Meninas na ponte – 1902



Fonte: Munch-museet

A objetividade e subjetividade se constituem dialeticamente e por essa dinâmica, a linguagem tem o papel de mediação para se internalizar a objetividade direcionando a construção de sentidos que formam assim a subjetividade. Com a adolescência não é diferente, apesar de se associar a esta, as marcas das mudanças no corpo, os sentidos que cada jovem atribui a tais marcas, são pertencentes a um tempo histórico e social; Bock (2007, p. 68) afirma ainda que: “A abordagem sócio-histórica, ao estudar a adolescência, não faz a pergunta ‘o que é a adolescência’ mas, ‘como se constituiu historicamente este período do desenvolvimento’”. Portanto, não é porque a adolescência está associada às marcas no corpo, significa que tal fato seja natural. Pelo contrário, a adolescência é inventada socialmente como um prolongamento nas sociedades ocidentais e industrializadas para preparação dos jovens para o

mercado de trabalho e propósitos ideológicos.

A adolescência se refere, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico. Essas questões sociais e históricas vão constituindo uma fase de afastamento do trabalho e o preparo para a vida adulta. As marcas do corpo, as possibilidades na relação com os adultos vão sendo pinçadas para a construção das significações. (BOCK, 2007, p. 68)

Clímaco (1991) aponta os fatores socioeconômicos e históricos, que nos ajuda a compreender o surgimento da adolescência, onde, a partir das grandes modificações geradas pelas sociedades modernas por meio de suas revoluções industriais, os modelos de trabalho sofreram sofisticações tecnológicas, passando a demandar mais tempo de formação, no caso, no ambiente da escola, que afastava os jovens provisoriamente do trabalho reunindo-os em um mesmo ambiente para formação técnica e especializada da mão de obra. Tudo isso somado ao surto de desemprego, trazido pela sociedade capitalista a qual exigia o retardo da entrada desses jovens no mercado de trabalho e ao mesmo tempo aumentando os critérios para o ingresso neste mercado. Afirma-se que tais modelos não eram realidades para a classe proletária e para as etnias não brancas, uma vez que este projeto de prolongamento e aprofundamento nos estudos e acesso as escolas e universidades direcionavam-se a classe burguesa, branca e regente do capitalismo.

Não há nada de patológico; não há nada de natural. A adolescência é social e histórica. Pode existir hoje e não existir mais amanhã, em uma nova formação social; pode existir aqui e não existir ali; pode existir mais evidenciada em um determinado grupo social, em uma mesma sociedade (aquele que fica mais afastado do trabalho) e não tão clara em outros grupos (os que se engajam no trabalho desde cedo e adquirem autonomia financeira mais cedo). (BOCK, 2007, p. 70)

Como se destacou, a adolescência é um marco social que ocorre dentro de um tempo histórico e representado enquanto sentidos, para cada sujeito em particular, em suas relações com o mundo concreto. Diante disso, não se pretende ater-se a conceitos estereotipados acer-

ca da adolescência como que algum tipo de “fase patológica” do desenvolvimento, mas, contemplar tanto a adolescência quanto a juventude, como categorias socialmente construídas (DAYRELL e REIS, 2007). Para sociólogos e historiadores a juventude é referida como um segmento populacional, uma geração que ocupa um espaço público em um tempo histórico (FREITAS, 2005). Bourdieu (1983) e Leon (2005) reafirmam os aspectos históricos, sociais e relacionais, em torno da Juventude onde ocorrem diferentes denotações dessa, dependendo da época.

Os conceitos de adolescência e juventude correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas e processos históricos e sociais vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes: *“La juventude y La vejez no están dadas, sino que se construyen socialmente em La lucha entre jóvenes y viejos”* (BOURDIEU, 1983, p. 164). (LEON, 2005, P. 10)

Dentro dessas construções, percebe-se a complexidade em definir adolescência e juventude de forma linear; assim, para um melhor desenvolvimento compreensivo do texto, opta-se agora pela compreensão de Juventude, apesar de se subentender que adolescência faz parte da juventude de modo geral. Segundo referências do Ministério da Saúde:

[...] a adolescência integra a juventude, mas esta é mais ampla. Não se limita a uma etapa cronológica da vida e não pode ser definida por uma simples limitação etária, podendo ser mais um processo vivido distintamente pelas pessoas em busca de autonomia e estabelecimento de um projeto de vida individual (Brasil, Ministério da Saúde, 2005, p. 11 e 12)

Pretende-se a partir daqui, observar alguns conceitos e compreensões sociais da juventude. Segundo Costa (2009), são definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) enquanto jovens, as pessoas de faixa etária entre 15 e 24 anos. Já a Organização Mundial de Saúde (OMS), órgão ligado a ONU, compreende a adolescência propriamente como o período etário de 15 a 19 anos. Anjos (2015) apresenta enquanto um marco muito importante no Brasil, a Política Nacional de Juventude, tal política indica avanços referentes a concepção da juventude e sua estruturação no Brasil, e concebe que a juventude é uma condição social por-

tanto, numa construção conjunta de homens e mulheres que se inserem em faixa-etária entre 15 e 29 anos.

O Conselho Nacional de Juventude – Conjuve propõe-se a ser um espaço de democracia participativa e parte de uma visão de que juventude é uma condição social e que jovens são sujeitos de direitos universais e específicos inseridos em uma faixa-etária, construída por homens e mulheres com idade entre 15 e 29 anos (Art. 11 da Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005) (ANJOS, 2015, p. 30)

Pela PEC da Juventude (SANDES JÚNIOR, 2003) e também segundo Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), na América Latina, percebemos que tem se estabelecido certa concordância na qual considera-se jovem, todo sujeito com idade até 29 anos. É de considerável importância se ater aos diferentes momentos de vivências da juventude, entendendo que a vivência de um jovem de 17 anos provavelmente será distinta de um jovem de 27 anos, pois, isso envolveria fatores internos atrelados a questões psíquicas, fisiológicas e contexto histórico/social, uma vez que cada jovem possui suas peculiaridades e singularidades.

Corroboramos com esses autores, pois, como já problematizamos, a juventude ultrapassa a dimensão etária, mesmo que em termos de políticas públicas tal delimitação seja central. Assim, a juventude deve ser entendida como uma construção social em que diferentes aspectos se entrecruzam. (DAYRELL, 2016, p. 180)

Conforme sugere Dayrell (2016), a compreensão de juventude não deve estar reduzida aos aspectos cronológicos, apesar das compreensões de idades e faixas etárias serem importantes para guiar-nos em nível de estudo diante dos conceitos estabelecidos em um tempo histórico e social, onde ser jovem em aspecto cronológico, é apenas uma maneira de mapear um universo de sujeitos que se movimentam em um período do “ser jovem”; tais critérios se alteram em cada país (CARRANO, 2010).

Na construção da noção de juventude, uma primeira preocupação é não reduzirmos a nossa compreensão a uma definição etária ou a uma idade cronológica [...] A definição da juventude por idade encontra elementos objetivos

no aspecto da maturidade biológica e sua delimitação se reveste de importância para as políticas públicas, notadamente quando se pensa em contagem de população, definição de políticas e recursos orçamentários. Compreender os jovens apenas pelo fator idade, contudo, seria simplificar uma realidade complexa que envolve elementos relacionados aos campos simbólico e cultural e aos condicionantes econômicos e sociais que estruturam as sociedades. (DAYRELL, 2016, p. 25, 26).

Como já mencionado, as idades são marcos para estabelecimento de estudos estatísticos, como por exemplo: idade mínima de responsabilização diante de questões penais; escolarização, título de eleitor, habilitação para dirigir automóveis, entre outros (CARRANO, 2000). Esses limites etários sofrem alterações de acordo com as mudanças em uma sociedade ou em um grupo étnico específico visto vez que tais definições são estabelecidas na maioria das vezes por interesses ideológicos, políticos e econômicos.

Para os que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo. E, no extremo – com o aumento de expectativas de vida e as mudanças no mercado de trabalho –, uma parte “deles” acaba por alargar o chamado “tempo de juventude” até a casa dos 30. Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais (NOVAES, 2006, p. 105).

A necessidade de se contemplar a juventude não apenas sob um aspecto cronológico, é ressaltado por Abramo (2005), onde tais marcos devem ser relativizados, porquanto os sujeitos vivenciam caminhos e construções singulares, mesmo estando pareados em idade cronológica (DAYRELL, 2016). Para Peralva (1997), a juventude é e, se faz atada a uma condição histórico-social. Se há um aspecto universal dado por mudanças do indivíduo a partir de faixas etárias, pelas quais completa o seu desenvolvimento para o enfrentamento de questões psicológicas, então ocorre variações do modo como cada cultura, em seu tempo, se movimenta e se representa diante de tais momentos. Portanto nessa mesma perspectiva Dayrell (2003) pontua:

Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturas (etnias, identidades religiosas e valores) e de gênero, e tam-

bém das regiões geográficas, dentre outros aspectos. Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (DAYRELL, 2003, p. 42).

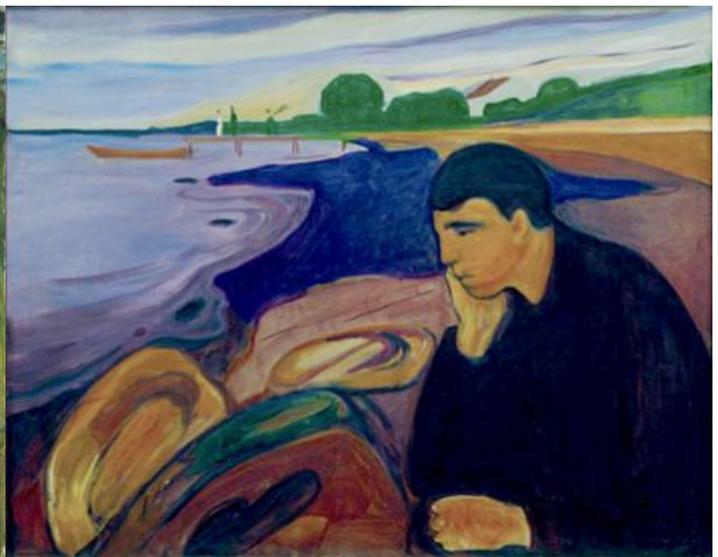
De fato por ser uma construção de relações históricas e sociais, a adolescência não deve ser patologizada, o que por outro lado não se deve negar os conflitos e fenômenos subjetivos, que perpassa o jovem nesse período frente às questões de identidade, corpo, relações de grupo e sexualidade, isso é, vivenciado em meio a concretudes sociais e relacionais.

Figura 3 - E. Munch, Consolation in the Forest, 1924–25. Oil on canvas (100 x 120 cm)



Fonte: Munch-museet

Figura 4 - E. Munch, Melancolia, 1891 Oil (72 x 98 cm)



Fonte: Munch-museet

Na obra “Consolação na Floresta (figura 3) somos implicados a perceber tanto a intimidade do corpo e a sexualidade, como também a intimidade dialógica entre um casal recluso em uma floresta; o jovem rapaz parece sustentar o choro da moça e a consolar, ambos estão nus de corpo e alma, vivenciando juntos seus segredos, sofrimentos, angustias e quem sabe, incompreensões e preconceitos. A obra “Melancolia” (figura 4) também nos provoca a refletir sobre o isolamento e a desolação de um jovem; o detalhe da roupa preta, apesar de ter sido moda nos finais do século XIX, o luto ainda é um símbolo remitante quando da perda de um ser afetivo. É importante destacar a genialidade e a sensibilidade do artista frente ao sofri-

mento humano de sua época, bem como as aflições sociais e intersubjetivas vividas pela juventude de seu contexto.

[...] juventude é parte de um processo de crescimento totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Isso significa entender a juventude mais amplamente e não como uma etapa com um fim predeterminado e muito menos como um momento de preparação que será superado quando se entrar na vida adulta. (DAYRELL, 2016, p. 27)

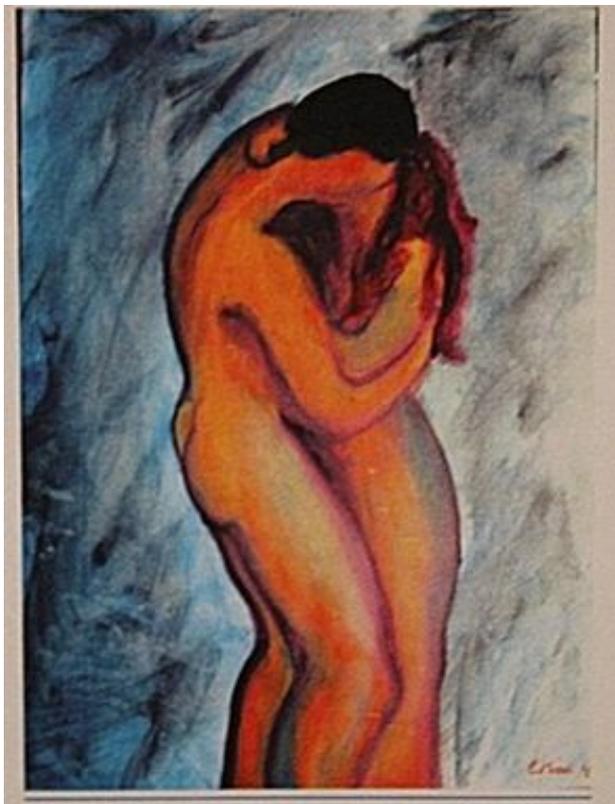
Em Dayrell (2016) a nomenclatura “juventude” ou como é chamada pelo autor: “categoria juventude”, é entendida por esse de um modo muito mais amplo, como parte de um processo total, não apenas um momento de preparação para a vida adulta, mas, um período de se exercitar para uma inserção social, em um processo de desdobramento de muitas possibilidades nas mais variadas instâncias da vida, sejam afetos, trabalho, escola, sexualidade, gênero, entre outros, tudo isso dentro de uma construção social.

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem. Ela assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias de sua vida, desde a dimensão afetiva até a profissional. Essa realidade ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. (DAYRELL, 2016, p. 27)

## **JUVENTUDE, SEXUALIDADE E DIVERSIDADES**

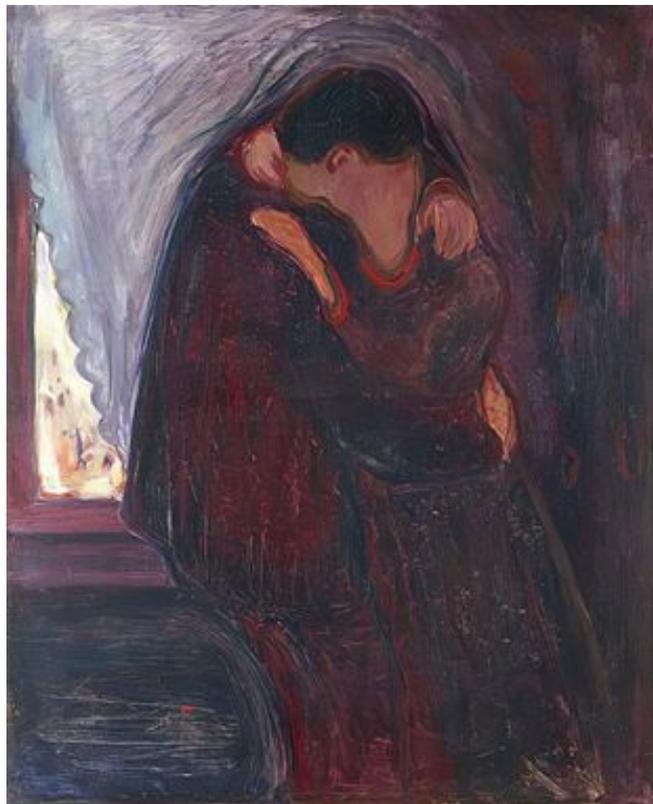
A juventude além de estar marcada pela diversidade cultural e pelas desigualdades no acesso a bens culturais, econômicos e educacionais, se mostra também de forma dinâmica, transformando-se e se reinventando frente às mudanças sociais e ao processo histórico (DAYREL, 2016). O corpo, suas diversidades e a sexualidade devem também ser inclusos nas condições sociais e históricas, visto pesquisas apontarem que a questão do sexo e as primeiras experiências sexuais se dão na adolescência por volta dos 14 ou 15 anos (PIMENTEL; SILVA; SALDANHA, 2010; SALDANHA et al., 2008). Levando em conta, pequenas variações de tal período de iniciação sexual na juventude, mediante fatores diversos de grupos, época, localização e gênero, classe social entre outros.

Figura 5 – E. Munch, Lovers, 1898 Oil on paper circa (16 x 11 cm)



Fonte: private collection

Figura 6 – E. Munch, O beijo, 1897. Oil on canvas (99 x 81 cm)

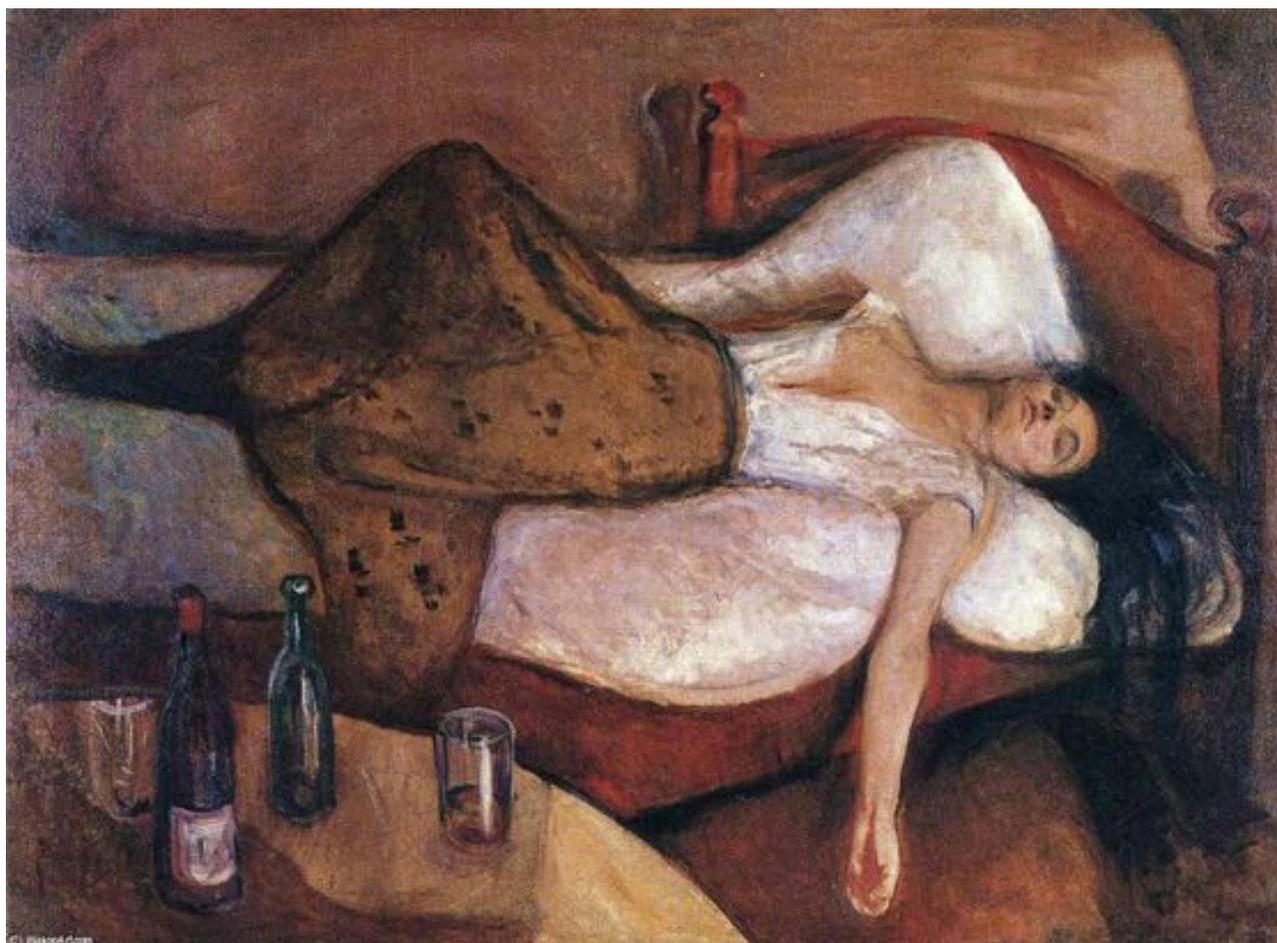


Fonte: The Munch Museum

A obra “Amantes” (figura 5) apresenta um casal nu se beijando; provavelmente trata-se das preliminares do ato sexual em si. A figura 6 nos traz a cena de “O beijo”; nesta, o casal se beija vestidos, ainda; ao observar o detalhe da cortina e a pequena entrada de luz no quarto, têm-se a impressão que a cortina fora fechada intencionalmente. Perante ambas as obras (figura 5 e 6) pode-se refletir a partir dos sentidos apreendidos por Munch em seu tempo, que a juventude européia da época era também sexualmente ativa, ainda que, em algumas culturas em particular houvessem as tentativas de repressão cultural e religiosa frente as possibilidades de sexo antes do casamento. De qualquer modo, mesmo às escondidas os jovens se encontravam, se apaixonavam e se davam ao desejo e ao prazer. Importante frisar que quando se trata de vulnerabilidade dos jovens em quaisquer época dentro de suas realidades e contexto, a repressão, a proibição e o não diálogo sempre potencializam de alguma maneira suas vulnerabilidades, seja de modo psíquico, emocional, físico e também epidemiológico – deve-se levar em conta que a sífilis e a tuberculose eram fatos na sociedade dos séculos XIX e XX.

pesquisado, pode-se afirmar que parte das escolas brasileiras já avançou no tocante à formação de professores. No entanto, essas mesmas instituições de ensino precisam avançar no que se refere ao envolvimento da comunidade escolar, haja vista a resposta dos participantes sobre a interface com o professor, a ausência de SRMs em algumas delas e as dificuldades apontadas por eles; cenário que abrange as diferentes especialidades atendidas, incluindo as dos alunos com TEA e AH/SD. Muitas tecnologias assistivas voltadas aos alunos com TEA e AH/SD têm sido desenvolvidas e estão cada dia mais acessíveis para o público docente para que possam ser utilizadas pelos professores do AEE em parceria com os do ensino regular e a família do aluno. Para isso, todos precisam se dedicar e ser criativos para que os alunos sejam capazes de desenvolver suas habilidades da melhor forma possível, independentemente de suas especialidades.

Figura 7 - E. Munch, *The Day After*, 1895. Oil on canvas  
([115 x 152 cm](#))



Fonte: Nasjonalgalleriet (Oslo, Norway)

A figura 7 nos mostra a tão expressiva obra “O dia seguinte” subentendendo que na noite anterior algo ocorreu; a cena apresenta uma jovem dormindo profundamente e largada à cama, esta possivelmente faz uso ainda das vestes “do ontem”, mas, o “hoje” já chegara, pois a luz do sol transpassa a janela, e reflete em seu rosto, cabeceira e braço esquerdo, anunciando o amanhecer. A primeira impressão que se tem ao contemplar a obra é de que a moça esteve sozinha e prostrada à cama, mas sobre a mesa na parte posterior direita da cena, encontram-se garrafas de bebidas e dois copos, dando a entender que desfrutara da companhia de alguém na noite anterior. A obra nos remete a um possível *happy hour* íntimo entre duas pessoas; a companhia misteriosa continuará aguçando nossa curiosidade e fantasias, daí, se desdobram possibilidades de que neste quarto deleitaram de um momento de conversas, bebidas e intimidades (sexuais e ou afetivas) um casal hetero, homo, amigos ou amigas.

É coerente pensar que as vulnerabilidades da juventude não são potencializadas pela liberdade de expressão, nem pela liberdade sexual e as diversas experiências e múltiplas formas de se constituir jovem, mas ao contrário, essas são fomentadas quando a repressão e a censura, detêm o lugar de fala e de vivacidade dos jovens, o que pode ocorrer por várias vias institucionais, família, sociedade e principalmente a escola, ambiente institucional mais frequentado pelos jovens da cultura moderna, onde corre-se o risco de legitimação deformada de um modelo pronto e acabado diante dessas experiências. Importante enfatizar que não há uniformidade universalizada na maneira em que cada jovem, ou grupo se constrói e se inventa. Tal dinâmica abrange também a sexualidade, entendendo que essa, é similarmente fenômeno atravessado por condições regionais e situacionais como nos esclarece Anjos (2015):

No início do século XX [...] a iniciação sexual por volta dos 14 ou 15 anos também era comum, a diferença é que isso, no passado, ocorria em forma de casamento, geralmente com o consentimento da família e da sociedade (Priori, 2011). Portanto de um casamento precoce à relação social com o namorado, observa-se, nitidamente, como a relação com a sexualidade é uma construção social, dado que o que se mudou não foi a idade da iniciação sexual, mas a visão acerca de como se deve ocorrer tal iniciação. (ANJOS, 2015, p. 35).

Uma vez que, a experiência com a vida sexual não é linear, nem universal, e possui variações ligadas a contextos culturais, históricos, geográficos e religiosos, entre outros, ainda

assim, é possível acordar, segundo as pesquisas e referências teóricas trabalhadas, que há certa convergência na média da faixa-etária na ocorrência da iniciação sexual. Assim, diante dessas variações sócio-históricas na sexualidade e na juventude, mostra-se relevante atentar-se para as vulnerabilidades frente às IST's que poderão estar fazendo parte do contexto e vida dessa juventude. Há séculos epidemias ou infecções contraídas também por meios de contato social e sexual eram vistas como consequências e até respostas de ordem divina para o “mau comportamento” dos jovens e sua boemia. Tais impasses e preconceitos são atualizados em nosso tempo quando se levanta o tema IST's e HIV/Aids. Pensamentos distorcidos e discriminatórios tendem a vulnerabilizar muito mais o sujeito-jovem que já se encontra em uma nova condição sorológica, vivenciando maiores sofrimentos psíquicos e emocionais.

Figura 8 - E. Munch, “A menina doente”.  
1885-1886. Oil on canvas (120 × 118,5 cm).



Fonte: National Gallery (Norway)

Figura 9 - E. Munch, “Herencia”.  
1897-1899. Oil on lienzo. (141 x 120 cm).



Fonte: Museo Munch, Oslo.

As figuras 8 e 9 retratam tais dilemas e sofrimentos apreendidos e vivenciados por Edvard Munch. A figura 8, obra nomeada de “A menina doente” é a primeira de seis versões pintadas pelo artista no decorrer de mais de 30 anos. O motivo de intenso trabalho e elaboração sublimatória se deu provavelmente pelo fato de que a menina doente é sua falecida irmã, Sophie, sentada e afagada a uma cadeira, sofrendo pela Tuberculose e consolada por sua tia.

A figura 9 retrata a obra “Herança” na qual uma jovem mãe aguarda ajuda médica para seu bebê que fora acometido pela Sífilis, “herança” essa transmitida pela própria mãe. Ambas as obras são densas em tristeza, desolação e desespero, não somente pelas doenças no corpo que em si já eram signos indiciais de morte prematura naqueles dias, mas também pela carga moral que tais nomenclaturas de infecções carregavam; as associações preconceituosas eram dadas uma vez que deturpada e ideologicamente atribuía-se a transmissão de tuberculose e sífilis a pessoas que viviam uma vida “moralmente suja e de índole duvidosa”. Imagina-se a partir dessas obras, a vergonha, a humilhação e rejeição que tais pessoas vivenciavam, frente a família, vizinhos e até mesmo nos locais de tratamento de saúde; como se não bastassem o sofrimento proporcionado pela própria infecção em si e a angústia frente a morte iminente; o preconceito contribuiu para o perecimento social e a desumanização daqueles seres humanos.

## CONSIDERAÇÕES

Perante os discorrimentos realizados no atual trabalho, tanto pelas vias teóricas e conceituais que permeiam a juventude, quanto pela poética e imagética apreendida em algumas obras de Edward Munch, ousa-se pensar que todas essas relações em meio à juventude na sociedade, bem como suas vivências, multiplicidade de corpos, estilos, paixões e conflitos, nos provoca ante os desafios e impasses que tais jovens atravessam, primeiramente por causa do pré-conceito, e resistência social, família, instituições e principalmente o ambiente escolar, lugar esse em que contemporaneamente passam considerável tempo de suas vidas e rotinas; tais instituições dispõe diante de si, um grande desafio e também uma linda oportunidade em compreender e adentrar a este universo tão rico em possibilidades - que é a juventude e suas multiplicidades -, no entanto muitas vezes, reputado como uma ameaça aos planos, modelos e currículos preestabelecidos. A exemplo da escola, a qual é uma extensão viva da comunidade e reverdecida pela juventude local, encontram-se múltiplas formas de corpo, estilos, orientações, gêneros e toda a complexidade criativa que um ser humano é capaz de produzir. Tal fato ainda incomoda os ideais higienistas e bem ordenados, padrões impostos, discursos machistas, racistas que subjugam a liberdade de expressão, a poética dos corpos, e os diversos modos de se amar, como se a “ordem e o progresso” fosse a “cura”, quando bem na verdade é a própria expressão do desamor e da mortandade física, psíquica e social. Frente aos dilemas que a juventude historicamente já atravessou, os embaraços e contrariedades que

se atualizam em nossa contemporaneidade, reverberando-se no ambiente escolar, parece razoável pensar na possibilidade de os professores e seus aprendizes poderem cooperativamente arquitetar o conhecimento, considerando também toda gama de saberes e experiências dirigidas pelos alunos, seus ricos e diversos cenários; tais multiplicidades poderão ser acolhidas pelo ambiente de ensino e não mais vistos enquanto uma atemorização, mas uma possibilidade de elaboração, diálogo e ressignificação diante dos diversos temas como a sexualidade, IST's, racismo, homofobia, transfobia e tantos outros assuntos gritantes na realidade de nossa juventude e de nossas escolas (AYRES, 2002). A escola é um instrumento de cidadania, portanto deve ser partícipe e cooperativa frente aos níveis de vulnerabilidades, criando possibilidades de comunicação, diálogos e reflexão que transpasse por todas as disciplinas e cotidiano escolar. Daí a importância de não negar a realidade contextual dos jovens, mas que essa possa ser conteúdos elaborados e reelaborados de modo concreto e vivencial. A escola possui um papel de facilitar tais reflexões, bem como promover acessibilidade a recursos de prevenção (AYRES, 1998). É razoável acrescer que o tema transversal “sexualidade” encontra-se inserido nos PCN's, não obstante são poucas as idéias de como fomentar em praxis tal política pública em sala de aula. Assim, cabe a escola um movimento para além da institucionalização de tais discussões, ou seja: promover o diálogo e a transversalização dos temas que já se fazem presentes nos corpos e nas práticas discursivas dos alunos; os temas e aberturas desses já estão vivos em meio aos corpos sofridos, mazeados, mas também poéticos, os quais expressam as próprias temáticas relevantes na escola contemporânea.

A partir desse reconhecimento e acolhimento pode-se alavancar um trabalho integrado entre todos os mestres e suas respectivas áreas e disciplinas, para a toda a comunidade escolar. A exemplo da sexualidade e as IST's, esses tão relevantes temas não precisará mais ficar enquadrado somente às aulas de biologia mas, percorrer os aspectos socioculturais e relacionais também nas aulas de arte, humanas, história e exatas, alcançar um labor de rompimento de toda forma de abuso, opressão, estigmas, discriminação e preconceitos. Dessa maneira, torna-se prioridade uma atmosfera de ensino engajada com a luta para a dissolução de toda forma de opressão, discriminação e preconceitos os quais só intensificam as vulnerabilidades sociais, paralisam a criatividade e o potencial de autonomia e enfrentamentos, atributos tão indispensáveis na vida de um ser humano.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: Análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005 (Reimpressão 2008) p. 37-72.
- ANJOS, D. F. **Quando três tempos se encontram**: sentidos e ressignificações de jovens vivendo com HIV/Aids. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015. 230p.
- AYRES, J. R. de C. M. Vulnerabilidade dos jovens ao HIV/AIDS: a escola e a construção de uma resposta social. In.: SILVA, L. H. (org.). **A escola cidadã no contexto de globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- AYRES, José Ricardo Carvalho Mesquita. **Práticas educativas e prevenção de HIV/Aids**: lições aprendidas e desafios atuais. Interface (Botucatu), Botucatu , v. 6, n. 11, p. 11-24, Aug. 2002. access on 29 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832002000200002>.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. **A adolescência como construção social**: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas , v. 11, n. 1, p. 63-76, June 2007 . Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572007000100007&lng=en&nr\\_m=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007&lng=en&nr_m=iso) . access on 02 May 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>.
- BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. In Questões de sociologia, Rio de Janeiro, marco Zero, 1983.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco Legal: Saúde, um Direito de Adolescentes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Guia Pronatec de Cursos. Formação Inicial e Continuada (FIC), 3. ed. Portaria MEC nº 899, de 20 de setembro de 2013. Disponível em: [http://pronatec.mec.gov.br/fic/pdf/2013\\_guia\\_cur-sosfic\\_port\\_899.pdf](http://pronatec.mec.gov.br/fic/pdf/2013_guia_cur-sosfic_port_899.pdf) . Acesso em: 27 ago 2017.
- CARRANO, Paulo. **Juventudes**: as identidades são múltiplas. Revista Movimento, Faculdade de Educação da UFF, n. 1, p. 11-27, 2000.
- CARRANO, P. **Jovens, escolas e cidades**: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência. Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação: 2010.
- CLÍMACO, A. A. S. (1991). **Repensando as concepções de adolescência**. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- COSTA, O. F. **Políticas públicas de juventude**: uma construção possível? 2009. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Política Social – UNB. Brasília.
- DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Rev. Bras. Educ. [online]. **2003**, n.24, pp.40-52
- DAYRELL, J.; REIS, J.B. **Juventude e Escola**: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no ensino médio. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife. 2007.
- DAYRELL, J. **Por uma pedagogia das juventudes**: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG / Juarez Dayrell (organizador). - Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.
- FERREIRA ABH. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3ª.ed. São Paulo, Positivo, 2004. pp 498-499.
- FREITAS, M. V. (org.). **Juventude e adolescências no Brasil**: referências conceituais. São Paulo. Ação Educativa. 2005.
- GROSSMAN E. **A construção do conceito de adolescência no Ocidente**. Adolesc Saude. 2010;7(3):47-51
- LEON. O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: Freitas, M. V. (org). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa. 2005.
- MUNCH, **Grandes Artistas**. Ed Nova Cultural, 1984, página 60
- NOVAES, Regina. **Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias**. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). Culturas jovens – novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.p. 105-120
- OSÓRIO, L.C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- OUTEIRAL, J. (2003). **Adolescer**. Rio de Janeiro: Revinter.
- PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento Humano**. Tradução: Carla Filomena Marques. 10ªed. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- PERALVA, A. **O jovem como modelo cultural**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 5/6, p. 15-24, 1997.
- PIMENTEL, P. L. B.; SILVA, J.; SALDANHA, A. A. W. **Uso do preservativo e vulnerabilidade à AIDS em adolescentes**: implicações para a interiorização da epidemia na Paraíba. In: HIV/AIDS VIRTUAL CONGRESS, 10., 2010, Lisboa. VIH/ SIDA em países de língua portuguesa.

SALDANHA, A. A. W. et al. **Comportamento sexual e vulnerabilidade à aids**: um estudo descritivo com perspectiva de práticas de prevenção. DST – J bras Doenças Sex Transm 2008. Disponível em <http://www.dst.uff.br//revista20-1-2008/6.pdf> Acessado em 05 de junho de 2017.

SANDES JÚNIOR. (Deputado) **Proposta de Emenda à Constituição n. 138, de 2003**. Dispõe sobre a proteção dos direitos econômicos, sociais e culturais da juventude. Apresentada em 20 ago. 2003. Transformada na Emenda Constitucional 65/2010, que altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude. Diário Oficial da União, 14 jul. 2010, seção 1, p.1.

@revistaeai

revistaeducacao  
arteinclusao@  
gmail.com

(48) 3321-8314

revista   
**eai** educação,  
artes &  
inclusão